

Comentário sobre o sofrimento nas relações familiares à luz da História de José do Egito (Gn 37-50)

André Henrique Macedo Veloso¹

Resumo: O sofrimento nas relações familiares sempre esteve presente em todas as culturas e realidades. Na Bíblia, as narrativas sobre o sofrimento visam não somente dar testemunho da revelação divina em realidades humanas concretas, mas, ao mesmo tempo, relatar os testemunhos ora de superação, ora de destruição dos seres humanos diante dos seus conflitos internos e externos. O presente artigo procura refletir sobre o sofrimento familiar presente na narrativa de José do Egito (Gn 37-50), percebendo na atitude de José frente às injustiças de seus irmãos, o caminho de sabedoria que ele encontra pela presença do seu Deus. Essa história mostra que é possível vencer as adversidades das relações familiares com reconciliação e sabedoria. O conteúdo proposto se inspira nas aulas de um curso sobre o sofrimento na Bíblia do professor Rivaldave Paz Toquarto, no PPG de Teologia da FAJE, e de comentários sobre essa perícopa em outros exegetas. Como resultado se espera que as atitudes de sabedoria e reconciliação em meio aos sofrimentos na vida familiar contribuam para a superação de conflitos internos e externos de leitores e leitoras que se deixam interpelar pelo caminho de José do Egito, ajudando-os enquanto indivíduos, mas também como membros de uma família e de uma sociedade.

Palavras-chaves: Sofrimento. Família. José do Egito. Deus. Sabedoria. Reconciliação

INTRODUÇÃO

A Sagrada Escritura, pode nos ajudar a compreender as várias realidades da vida e das relações humanas, dentre elas, as relações familiares. Partindo dessa ideia, pensamos em tomar a narrativa da história de José do Egito, no livro do Gênesis (37-50), para que nos ajude a pensar como podemos lidar com o sofrimento num contexto estritamente familiar, com desdobramentos também sociais. Não pretendemos fazer aqui exegese do texto bíblico, mas, utilizando-o como referência, mostrar como a história de José se parece com muitas de nossas histórias, com situações conflituosas, e, também, como o desfecho dessa história pode ser um caminho de reconciliação também hoje. Esse artigo surgiu como uma provocação de algumas aulas da disciplina de “Tópicos Especiais do Antigo Testamento: O sofrimento humano no Antigo Testamento”, ministrado pelo professor Rivaldave Paz Toquarto, na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia- FAJE.

1 A BÍBLIA FRENTE O MISTÉRIO DO SOFRIMENTO

A realidade do sofrimento humano, de modo individual e social, marca a existência de todos os seres humanos em qualquer lugar ou situação em que estejam. O sofrimento é uma realidade que não escolhe pessoas pela sua característica familiar, social ou econômica.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da FAJE. Bolsista CAPES. E-mail: andrehenrique.mv12@gmail.com

Existem muitas situações existenciais que não conseguimos ter respostas em totalidade, como é o caso do sofrimento. Ademais, o sofrimento humano sempre produz tentativas de respostas, satisfatórias ou não. Podemos recorrer a muitas reflexões, leituras, mas, as possíveis respostas e compreensões a essa realidade sempre nos escapam. O sofrimento entra na categoria do “mistério”, pois quanto mais nos debruçamos sobre ele, mais percebemos que continua sendo uma realidade a nos interpelar.

A sociedade atual, em seus comportamentos, tem mostrado um tempo no qual os seres humanos parecem fugir ou ignorar a realidade do sofrimento. Por outro lado, há programas de TV e páginas de internet que incentivam ou ganham seguidores e dinheiro, mostrando e narrando o sofrimento humano. Percebemos esse aceno também em muitas ‘falsas teologias’, que, incentivam a uma espiritualidade e vivência que evite ou ignore o sofrer. Não podemos viver do sadomasoquismo, mas, se faz necessário não suprimir o que existe na condição humana, por pior que possa parecer. A fé bíblica é sempre iluminada pela certeza da presença de Deus em meio à sua criação. O Deus apresentado, e, que foi sendo compreendido na Sagrada Escritura, nunca permitiu que o mal prevalecesse como última palavra. Já em suas primeiras páginas, a Bíblia afirma que “*elohim* (Deus) organiza o caos” (Gn 1,2). É do querer de Deus que as realidades de sofrimento na existência humana sejam superadas, mas, sem rejeitá-las. A presença de Deus em meio aos sofrimentos os amenizam. É uma presença que conforta, gera esperança e alimenta a fé.

O Deus de Israel tem essa característica de estar presente com sua criação, pois Ele a ama e se compadece dela (Is 40,1). Ele não pode ser o criador do sofrimento, já que Ele se compadece daqueles que sofrem, dos excluídos, dos marginalizados. Cura as feridas daqueles que estão doentes, pois é Senhor e dono da vida. Se o sofrimento tem uma origem, a Bíblia busca dar uma possibilidade de entendimento, mas não total, pois os textos bíblicos são frutos de uma experiência de fé, que fala da fé. Em muitos relatos históricos da humanidade, desde os mais primitivos, até os mais atuais, encontramos relatos e testemunhos dos altos e baixos da vida dos homens e mulheres. Perguntar-se sobre “por que do sofrimento?”, pode em muitas situações, gerar inquietações, frustrações e ausência de respostas. Na narrativa bíblica, foi-se mudando o sentido da pergunta. Passou-se da indagação do “por quê?”, para se tentar compreender o “para quê?” do sofrimento.

2 O SOFRIMENTO NAS RELAÇÕES FAMILIARES À LUZ DA HISTÓRIA DE JOSÉ DO EGITO (GN 37-50)

Como nos referimos acima, a dimensão do sofrimento pode ser pessoal, familiar, social, matrimonial, vocacional, profissional, econômica, eclesial, dentre outras. Poderíamos tentar discorrer um pouco sobre essas e outras dimensões da vida humana que podem gerar a experiência do sofrer. Mas, o objetivo desse texto é mostrar como o sofrimento narrado na história de José do Egito, em Gn 37-50, lida à luz do curso feito com o Prof. Rivaldave Paz Torquato, podem iluminar e contribuir para pensarmos a família em sua relação de amor,

que, mesmo sendo uma instituição social e sagrada, pode ser um reflexo de muitas situações que envolvem o sofrimento, e esse pode crescer ainda mais sem a atitude da reconciliação.

Biblistas como Christoph Uehlinger, apontam que a história de José é vista por vários autores como uma novela que “relata um ou vários acontecimentos em torno de um personagem central, cuja evolução está marcada por situações conflituosas ou crises” (RÖMER, 2010, p. 196). Também Viviano cita Bergant, segundo o qual a história de José “muitas vezes é citada como ‘novela’ ou ‘romance curto’, porque a narrativa é um todo orgânico unificado” (BERGANT, 2012, p. 84). Para Uehlinger, ainda citando Römer, “optar pelo romance significa postular uma unidade literária da obra que não é evidente, dadas suas imbricações com o ciclo de José e a história do êxodo” (RÖMER, 2010, p. 197). As indicativas dos estudos bíblicos, parecem-nos apontar a história de José como uma narrativa sapiencial, contendo elementos que podem lhe dar sentido.

Em consonância com Viviano, ainda citando Bergant, “todos concordam que a história de José foi influenciada pela tradição sapiencial de Israel” (BERGANT, 2012, p. 197). Ceresko, citando os estudos de O’Connor, evidencia duas características da ‘espiritualidade sapiencial promovida pelos escritos sapienciais’. Na primeira, apresenta a imagem do mercado, da feira, como um lugar chave de compreensão para a espiritualidade. Citando O’Connor, Ceresko sinaliza que “como imagem poética e teológica, a feira exprime o fascínio dos pensadores da sabedoria com a existência humana ordinária. Ela representa a área na qual os seres humanos se empenham em lidar com o caos da vida diária...onde o divino e o humano se encontram” (CERESKO, 2004, p. 9). A segunda característica está na centralidade dos relacionamentos, “como lidar com sucesso e a lealdade, com a família, os amigos, os parceiros de negócios, os líderes civis, os jovens, os idosos, os estranhos, os tolos” (CERESKO, 2004, p. 9).

A sabedoria em Israel, que tem seus prelúdios desde antes do exílio da Babilônia, encontra seu ápice com Alexandre, o Grande, e os gregos. De fato, o ápice da literatura sapiencial em Israel, foi um momento não só de crescimento intelectual e de envolvimento e confronto com a cultura grega, mas, do encontro com uma Sabedoria, que é reflexo de Deus (Sb 7,22b-30). A sabedoria em Israel tem o querer de Deus em seu protagonismo, mas de um querer que acontece na história humana com seus altos e baixos. Partindo da segunda característica de O’Connor apontada por Ceresko, a história de um sofrimento familiar com Jacó e seus filhos, sem dúvidas quer ser iluminadora de como podemos enfrentar os conflitos familiares, e de como encontrar sabedoria diante das diferenças e indiferenças.

Na história de José do Egito, percebemos situações que são familiares a muitas de nossas realidades familiares, como ciúmes e inveja (Gn 37,11), percepção de preferências por alguns, como no caso de seu pai Jacó (Gn 37,4), comportamentos de más intenções (Gn 37,18), ódio mortal (Gn 37,5), falta de amor (Gn 37,20), angústias (Gn 37,23), sentimento de perda (Gn 37,33), e morte de alguém amado (Gn 37,34-35). A história de José não apenas narra o sofrimento de um indivíduo, mas mostra uma família inteira que vive essa realidade, não somente quando José é jogado na cisterna (Gn 37,24), mas que progride com a falta de

alimentos (Gn 41,53-57), até à morte de José e de seu pai Jacó (Gn 50). É possível imaginar o sofrimento em meio à morte, pois perdas de quem amamos são realidades que causam dor e luto até os nossos dias. Hoje nos deparamos com muitas realidades familiares nas quais não se consegue mais um caminho de diálogo e reconciliação. Há um provérbio de nosso tempo que afirma, “se a família anda mal, a sociedade também”.

A família é uma célula importante para a sociedade, pois nela temos os primeiros contatos com a realidade da vida e das relações humanas. Sofrimentos que são construídos na família consanguínea, se não forem equilibrados e resolvidos com maturidade, podem produzir muitas consequências capazes de fazer o sofrimento ganhar mais potencialidade e destruição em níveis sociais. Os sofrimentos humanos apresentam inúmeros questionamentos, como “quem é Deus?”, “onde Ele age?”, “onde Ele está?”. É interessante observar, que, possivelmente a narrativa da história de José no Egito é do contexto do exílio e do pós-exílio na Babilônia. Esse contexto foi carregado de experiências de sofrimento de indivíduos da grande ‘família de Israel’, que foram levados como exilados, e, também o sofrimento que ficou registrado nos que permaneceram na terra. Os exilados precisaram descobrir o sentido do seu sofrimento. Uma das riquezas da história de José do Egito é que nela podemos reler dentre as diversas realidades teológicas, a presença do sofrimento que marcou não somente a realidade de uma família individual, mas a história da grande família humana. A história de José e seus familiares é atual para qualquer época, pois é um retrato da vida em muitas realidades.

A presença de Deus em toda essa história é percebida nas entrelinhas, e, por fim, no próprio testemunho de José (Gn 50,20). Deus se antecedeu em todos os acontecimentos nessa narrativa. Está presente no inconsciente da história, como Ele também se faz presente no inconsciente da vida humana. Nada escapa à percepção de Deus, pois tudo foi feito e é sustentado por Ele (Gn 1). Em muitos momentos de conflitos e sofrimentos familiares, não se pode deixar de perceber a presença de Deus a direcionar as palavras e atitudes de cada indivíduo para o amadurecimento e transformação da existência. Uma das grandes lições que essa história apresenta é a reconciliação e o perdão dado e vivido. Para Uehlinger, citando Römer, “nenhum outro relato da Torá dá tanto pensar sobre as exigências e as promessas de uma reconciliação” (RÖMER, 2010, p. 212).

Não há dúvidas que “o fruto da justiça será a paz” (Is 32, 17). Esse versículo se encontra na primeira parte do livro do profeta Isaías, que, em meio aos conflitos já vividos da invasão assíria no Reino do Norte, percebia que todas as infidelidades de Israel ao que era a vontade e o querer de Deus poderiam trazer situações de morte, guerras, opressões e divisões. Nesse contexto, Isaías anima o povo a olhar para frente e ser luz para todas as nações. O ‘shalom’ é uma realidade muito mais ampla que a ausência de conflitos e guerras. O *shalom*, podemos dizer, contempla toda a organização da desordem que possa existir na criação de Deus (Gn 1,2).

No Primeiro Testamento, essa realidade da paz parece estar ligada à perspectiva da fidelidade à Aliança, mas no tempo de Jesus, com seu anúncio da chegada do Reino de Deus,

é demonstrado que o *shalom*, a paz, o amor são dons gratuitos, e devem ser dados a todos, e, de modo indistinto. No perdão que José concede a seus irmãos para o *shalom* de Deus na sua maior plenitude, pois foi dado de modo total, aberto, ou seja, para sobre todos os membros da família de Jacó, já que partiu da sensibilidade de se colocarem um no lugar do outro e tomarem novos rumos. Uma família que não vive as dimensões da paz, se embaralha nas desordens e no caos total.

Em nossos tempos, soa aos nossos ouvidos a mensagem que afirma, “perdoar é divino”. Sem dúvidas esse pensamento tem sua veracidade, não apenas porque pode remeter-nos ao amor de Deus. É possível perceber nessa afirmação, a grandeza do que o perdão é capaz de realizar, pois ajuda a quem o pratica a ser livre, e grande. Assim, ele pode ser entendido na sua imanência e transcendência.

Muitos dos sofrimentos que temos e carregamos estão ligados à falta de reconciliação e de perdão, e, por isso, não temos a paz em sua plenitude, que nos torna seres verdadeiramente humanos. José do Egito perdoou porque com os sofrimentos aprendeu a humanizar-se. Mas, não conseguiria isso se não se alimentasse de sua fé em seu Deus (Gn 45,5-9). O perdão, não está apenas numa realidade intelectual, cultural ou ideológica. Essa dimensão só pode ser vivida no sentido transcendental da existência, porque é uma condição de perfeição, que, os seres humanos, por si mesmos, não conseguem e não podem ter. Muitos acreditam que perdoar passa pelo esquecimento das situações e realidades traumáticas vividas.

A própria Bíblia, em textos no Primeiro Testamento, remete o perdão de Deus ao esquecimento dos pecados do seu povo (cf. Sl 25,7). Gianfranco Ravassi, citando o teólogo Virgílio Elizondo, afirma que,

“perdoar não significa esquecer; ao contrário, se pudesse ser esquecido, não teria necessidade de perdoar. A verdadeira virtude consiste em perdoar precisamente lembrando, porque perdoar significa estar livre da ira interior, dos ressentimentos e da busca de vingança que consome cada fibra do meu ser” (RAVASSI, 2021, p. 20).

Todas essas ações, encontramos em José do Egito, que não se esqueceu do que os irmãos lhe fizeram, pois são essas realidades lembradas por seu inconsciente, que o ajudaram a encontrar o caminho da maturidade do amar e a perdoar, principalmente aqueles que, aparentemente, não mereciam. Se em nossas famílias experimentássemos essas realidades curativas, muitos sofrimentos poderiam ser amenizados e curados.

A família humana mundial, vive também com força total as consequências da falta do perdão, da reconciliação e da paz. A ausência da fraternidade tem motivado ao Papa Francisco, em discursos e escritos, a insistir que devemos buscar relações menos conflituosas e com mais diálogo. Essa busca de partilha de sentimentos e da própria vida pode amenizar conflitos que fomentam o ódio, e, conseqüentemente causam sofrimentos diversos (Gn 45,1-15). Para Línéz “no diálogo sincero entre iguais contrastam opiniões e encontram-se

soluções de problemas antigos apresentados de maneira nova, e de problemas talvez inéditos” (LÍNDEZ, 2011, p. 35-36). Uma outra realidade da sabedoria, que usa o diálogo como uma ferramenta, é exposta pelo autor. Segundo ele, “a falta de respostas adequadas aos novos problemas em toda a dimensão da vida humana obriga aos sábios a investir novos caminhos” (LÍNDEZ, 2011, p.36). Foi exatamente isso que José fez diante do sofrimento traumático. Encontrou no caminho da reconciliação, que se deu no diálogo e na escuta, a possibilidade de reintegração de sua história humana e dos seus descendentes (Gn 45,15).

Ademais, “a fraternidade alcança seu ponto alto quando as pessoas se tornam responsáveis umas pelas outras” (BORTOLINI, 2018, p.24). Essa realidade só é possível quando os seres humanos buscam o temor de Deus, princípio da sabedoria. Deus pode ser percebido na pessoa de Jacó que se entristece pela perda do seu filho, pelo esfacelamento da sua família, pela divisão entre seus filhos. Mas, ao mesmo tempo, se alegra por ver os seus novamente unidos na fraternidade e na reconstrução da família humana. Em sintonia com Ravassi, “poderíamos afirmar que o perdão cria uma nova humanidade, realiza uma espécie de re-criação” (RAVASSI, 2021, p. 24).

Por fim, a história de José do Egito é impulso para pensar o quanto precisamos avançar no caminho da ressignificação dos sofrimentos, na cura para a vida humana, a começar do contexto familiar. Como nos referimos acima, essa história é atual para o século XXI. Nessa onda de inimizades, de desunião, de ódio, falta de amor, que quer nos engolir e arrastar, a Sagrada Escritura se torna uma bússola necessária para uma vida de sabedoria. Não se amadurece rapidamente. É necessário um processo, que se bem feito, trará bons frutos. Esse amadurecimento, podemos chamá-lo de sabedoria, que nunca se fez tão necessário para o contexto familiar, eclesial e social atual.

Para Rivaldave Paz Torquato,

“o quadro da família hoje é assustador. Famílias desintegradas, dilaceradas, fragmentadas, sofridas, enfim, famílias que podem espelhar-se na família e na pessoa de José do Egito. Pessoas traídas nas relações familiares podem ter aí um exemplo iluminador. José junta os cacos e reconstrói a família fragmentada. A narrativa mostra assim que a reconciliação é possível, é necessária e- hoje- é urgente. A via é o perdão exigente” (TOQUARTO, 2014, p. 604).

Que essa instrução possa ser motivadora para nossa vida, e, assim, reconciliados conosco mesmos, e com os irmãos, possamos viver fraternalmente como a grande família de Deus.

CONCLUSÃO

Não existe ser humano algum que viva sem experiências de desolação, de abandono, de injustiças, de exclusões, de falta de respeito. Quando essas realidades começam a ser

experimentadas dentro do ambiente familiar, que deve inspirar proteção, amor, aconchego, segurança, a possibilidade de se fazer a experiência de retribuir o mal com o mal é muito real. Para que a tempestade das emoções e das atitudes de destruição não aumente, é necessário temperança, que, conduz à sabedoria. Nesse sentido, a postura de José diante desses registros negativos, se torna uma verdadeira imagem da prudência, da justiça e da paz. Que essas simples reflexões, nos ajudem a encontrar sempre a serenidade em meio ao caos da vida. Para quem crê em Deus, a vida de Jesus de Nazaré pode servir de modelo em todas as realidades da existência humana, principalmente, diante de situações que podem nos mover na direção da reconciliação ou da condenação (Lc 23,34).

REFERÊNCIAS

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*. Vol 1. São Paulo: Loyola, 2012.

BORTOLINI, José. *Pentateuco e História Deuteronomista*. Aparecida-SP: Santuário, 2018.

CERESKO, Anthony R. *A sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004.

LÍNDEZ, José Vilchez. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 2011.

RAVASSI, Gianfranco. *Gramática do perdão*. São Paulo: Loyola, 2021.

RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean Daniel; NIHAN, Christophe (Orgs). *Antigo Testamento. História, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010. RÖMER

TOQUARTO, Rivaldave Paz. “Desceu com ele à cisterna...” (Sb 10,14). Uma abordagem sobre José do Egito na perspectiva do sofrimento e da sapiência. *Convergência*, n. 475 (2014), p. 593-607.